

SIDARTA TATU

Heraldo

Ha muitos anos atrás, o homem que está escrevendo isto era um menino.

O menino voltou para casa no final da tarde depois de ter jogado futebol e nadado no rio com os outros meninos.

Deixou as sandálias havaianas no único degrau da escada da varanda, e entrou.

Sua mãe, enquanto foi destapar uma panela no fogão a lenha, deu a ordem para tomar banho e fazer a tarefa da escola, antes da janta.

Depois do banho pegou o pacote de plástico de açúcar cristal que usava para guardar os cadernos e lápis da escola e foi sentar no chão da varanda.

A casa era em um lugar alto, quase no topo de uma colina, e da varanda podia ver o rio onde tinha nadado e o gramado do potreiro dos cavalos, ao lado do rio, onde tinha jogado futebol com os outros meninos.

Enquanto folheava o caderno procurando pela tarefa, escutou um sabiá cantar.

Lembrou das apostas que fazia com sua irmãzinha e riu. Na hora de sol mais forte da tarde os dois se sentavam na sombra das árvores do pomar e ficavam escutando os sabiás, apostando em qual iria cantar por mais tempo.

Depois de achar a pagina do caderno com a tarefa, teve um daqueles pensamentos bobos que as pessoas tem quando não estão pensando em nada. Pensou “só vou começar a fazer a tarefa quando esse sabiá parar de cantar”.

Minutos se passaram e o sabiá não parou de cantar, mas o menino continuava escutando.

Se alguém o estivesse filmando ou fotografando, teria visto um menino, usando só um velho calção, sentado no chão de uma varanda, iluminado pela luz laranja-vermelho do sol que está morrendo na sua frente.

E se esse fotógrafo-cinegrafista tivesse se demorado alguns minutos, teria continuado a ver a mesma cena, pois o sabiá não parava de cantar.

O menino então teve um flash, uma iluminação, uma visão: via na sua frente não o rio,

tingido de vermelho, correndo entre os campos verdes, entre as arvores, mas sim algo mais, algo maior, algo com outro significado.

Viu a perfeição da paisagem.

Viu que naquela cena, tudo era harmonioso, amigável, acolhedor, protetor e acima de tudo, perfeito. Um quadro que não admitia retoques.

E o sabiá continuava cantando.

Lá de dentro da casa chegavam os ruídos tão familiares – seu pai tomando banho, sua mãe mexendo na pia e no fogão, sua irmãzinha cantando uma cantiga de ninar para as bonecas. Enquanto o tempo passava, o sol ficava cada vez mais vermelho, o sabiá mais empolgado com seu canto, e o menino se sentia cada vez mais parte da paisagem. Sentindo-se presente em cada coisa: nos raios do sol que batiam no rio onde nadou, nas raízes da grama onde jogou futebol, no velho pé de gabirola onde sempre trepava, nos sons e nos cheiros que vinham de dentro da casa. E no canto do sabiá.

Imaginou que estava diluído em tudo, presente em todos os lugares ao mesmo tempo. Cada molécula, cada átomo do seu corpo espalhado entre as arvores, os campos, o rio, sua casa, tudo. Pelo menos tudo de que tinha consciência. Seu mundinho.

O sol começou a se por, deixando as cores que minutos atrás eram tão nítidas, cada vez mais foscas, mais escuras. O transe acabava lentamente no lusco-fusco.

E então o sabiá parou de cantar. O transe acabou.

Já estava escuro, com a varanda iluminada só pela luz que saía pela porta e janelas da casa. Não se via o rio, não se via os campos, não se via a gabirola. Na noite não se via nada além da luz da casa. O menino sentiu um imenso vazio, sentiu a perda, o desaparecimento permanente de algo que antes estava ali. Se sentiu fraco, esvaziado, incapaz, pequeno. E chorou.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/sidarta-tatu>